

GÊNERO E DIVERSIDADE EM DEBATE: QUESTÕES QUE (NÃO) EMERGEM EM SALA DE AULA¹

Kirla Korina Anderson Ferreira*

1 Apresentação

O presente texto tem como objetivo principal descrever e refletir antropológicamente acerca de uma prática de ensino sobre o conteúdo Gênero, Corpo e Sexualidade, na disciplina de sociologia, em uma instituição de educação profissional e tecnológica, na cidade de Belém, estado do Pará. Para isso, parti da perspectiva antropológica para organizar a sequência dos conteúdos ministrados e as estratégias de ensino adotadas, tendo em vista que gênero é uma categoria de análise que considera que os significados sociais sobre feminino, masculino e suas diversidades são construídos conforme o contexto histórico, social e cultural de cada sociedade, colocando em xeque a pretensa ideia de universalização dos papéis de gênero.

Considerar gênero como categoria de análise (e, nesta mesma medida, como conteúdo de ensino na educação básica) implica compreender como as sociedades atribuem significados às identidades de gênero e suas reverberações nas relações sociais e de poder. Gênero, então, tem a ver com as construções sociais, políticas e culturais e, portanto, está longe de definições binárias, fixas e universais (Mead 1979 [1935]; Scott, 1990; Goldenberg, 2004; Heilborn, 2004; Stratern, 2006).

Neste sentido, considerando a pluralidade quanto à identidade de gênero e de orientação sexual, defendo a presença da temática como conteúdo de ensino na educação básica. Para tal fim, cabe observar como as diversidades de experiências são percebidas pelos estudantes (na contramão da falsa doutrinação pregada por setores conservadores

¹ As reflexões aqui tratadas consistem em uma versão revisada e ampliada de comunicação realizada no Grupo de Trabalho Antropología en Educación Básica: conocimientos, prácticas y experiencias, durante a XV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), em agosto de 2025 (FERREIRA, 2025b)

* Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Campus Belém. Doutora em Ciências Sociais, com área de concentração em Antropologia, pela Universidade Federal do Pará. Membro da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS) e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (NUPEC), vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Política (GICEP) do IFPA.

de nossa sociedade), para, a partir disso, problematizá-las à luz da teoria antropológica, o que será alvo deste relato de experiência.

É válido salientar que os estudos de gênero e os movimentos feminista e LGBTQIAPN têm sofrido forte ataque de setores conservadores da política e da religião. Tais discursos defendem a manutenção de valores da considerada família tradicional, e, conseqüentemente, dos papéis tradicionais de homens e mulheres, e rejeitando as identidades de gênero não binárias e a diversidade sexual. Essa onda conservadora de ataque e negação aos estudos de gênero pode ser entendida, por exemplo, através do movimento escola sem partido e (da falsa ideia) da ideologia de gênero (Frigotto, 2017; Tiburi, 2018).

Quando Frigotto (2017) tratou das origens do movimento escola sem partido, afirmou que o conservadorismo das elites econômicas, grupos religiosos e políticos, em conjunto com intelectuais, procuraram transformar o processo de ensino e a autonomia dos professores em sala de aula em um lugar de vigilância e denúncia sobre as práticas docente. Neste cenário, tratar de gênero e suas diversidades assumiria um ataque aos valores tradicionais da família.

Tiburi (2018) mostra que o termo “ideologia de gênero” não trata de uma categoria analítica válida academicamente. Ao contrário disso, significa um neologismo criado por grupos conservadores para desacreditar os estudos de gênero, distorcendo a complexidade que existe em relação às identidades de gênero e orientação sexual.

Ainda que não haja referência às questões de gênero e suas diversidades na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), meu interesse em trabalhar o referido conteúdo na educação básica é que ele seja utilizado como uma lente que amplifique de forma crítica o sistema de diferenças e desigualdades de nossa realidade social, e que contribua como alerta e combate aos índices de violência de gênero que têm aumentado, sobretudo, na realidade brasileira e que têm os jovens como alvo.

Sendo assim, o texto está organizado em quatro seções. Nesta primeira, faço a contextualização do tema e de minhas motivações para trabalhá-lo na educação básica. Na segunda seção, apresento o procedimento metodológico adotado em sala de aula e teço breves considerações sobre a discussão da temática em perspectiva antropológica, com atenção para seu caráter sociocultural (Scott, 1990; Goldenberg, 2004; Heilborn, 2004; Strathern, 2006; Colling, 2014). Na terceira, trato das percepções dos discentes

sobre gênero, através de trabalhos de pesquisa, debates em sala de aula e também da elaboração de murais interativos confeccionados por eles, refletindo sobre o que o olhar deles sobre as relações de gênero tem a nos dizer sobre a sociedade contemporânea. A quarta seção é dedicada às reflexões finais sobre o desenvolvimento da proposta de ensino.

2. Metodologia utilizada

Como procedimento metodológico, utilizei de aulas dialogadas, em formato de roda de conversa, em que os alunos recebiam um questionamento no início da aula (que poderia ser a partir de uma música, reportagem, filme e/ou propaganda) sobre o tema que seria debatido e tinham um tempo para conversar sobre seus pontos de vista em grupo. Com relação à parte teórica do conteúdo, eles foram orientados a realizar leitura prévia do material, percorrendo, assim, um itinerário de ensino sobre gênero, corpo e sexualidade², que são parte do conteúdo do terceiro ano do ensino médio integrado no Campus Belém do IFPA.

Este relato de experiência compreende as atividades realizadas nos anos de 2024 e 2025, cujos nomes verdadeiros dos alunos, assim como os cursos em que estavam vinculados, foram modificados, para manter o anonimato. A escolha metodológica por trabalhar o conteúdo como rodas de conversa parte das orientações de Moraes e Guimarães (2010) sobre a necessidade de problematizar e desnaturalizar a realidade social partindo da experiência dos alunos. Tendo em vista o vasto campo de pesquisas que têm sido desenvolvidas a respeito do ensino de sociologia escolar (Moraes; Guimarães, 2010; Oliveira, 2011; Lahire, 2014), entendo que as estratégias de ensino devem se utilizar dos conceitos e/ou teorias da disciplina como ferramentas para uma leitura crítica da realidade social.

Sobre este assunto, cabe destacar, ainda, que o ensino de sociologia na educação básica não significa abordar os conteúdos de modo simples ou descontextualizado das complexidades que cercam o convívio social, como destaca Bodart (2024). Ao contrário disso, a perspectiva teórica e metodológica adotada procurou utilizar o conhecimento das

² Organizei um passo a passo detalhado em forma de sequência didática sobre gênero e diversidade sexual na educação básica, que pode ser consultado em Ferreira (2025a).

ciências sociais acerca das relações de gênero e suas diversidades como lentes de análise, o que requer a realização de um processo de transposição didática.

Sendo assim, o desenvolvimento das atividades envolveu três etapas:

- **1ª etapa:** apresentação inicial da temática e metodologia de ensino utilizada. Este passo foi realizado na primeira aula do bimestre, em que falei de modo geral sobre o que é gênero nas ciências sociais, da origem histórica do conceito e das principais autoras. Ao final da aula, passei duas perguntas para os alunos trouxessem suas respostas por escrito na aula seguinte: *a) O que você entende por relações de gênero? e b) Como você identifica a presença deste tema em seu cotidiano?*

- **2ª etapa:** esta etapa durou, aproximadamente, 05 semanas³, em que iniciamos as aulas com a exposição de filmes, músicas e/ou estudos de caso noticiados em jornais, para problematizá-los e compreendê-los a partir da teoria antropológica.

- **3ª etapa:** diz respeito à atividade de pesquisa, elaboração e exposição de murais interativos nos corredores do Campus sobre gênero e diversidade, durando duas semanas. Na primeira, os alunos pesquisaram imagens de pessoas realizando tarefas diferentes dos considerados padrões de gênero, preparam os cartazes e fixaram-nos pelos corredores do campus. Na segunda semana, fizemos uma roda de avaliação da resposta da comunidade acadêmica sobre a exposição dos murais interativos.

Como dito antes, a perspectiva teórica adotada levou em consideração referidas abordagens antropológicas sobre relações de gênero e diversidade. Neste contexto, ser mulher e/ou homem diz respeito à forma como as pessoas vão aprendendo ao longo de sua vida, como mostrou a antropóloga Mead (1979 [1935]). Em estudo realizado em três comunidades nativas da Oceania, a autora mostrou que as condutas de homens e mulheres estavam relacionadas aos processos de socialização em que estavam inseridos. As

³ Quando me refiro às aulas de sociologia por semana, estou considerando uma carga horária de duas aulas semanais, de 50 minutos cada, ministradas no mesmo dia.

personalidades de homens e mulheres eram diferentes em cada uma das comunidades observadas e correspondiam a padrões culturais aprendidos através das gerações.

Tendo como contexto etnográfico a troca de presentes entre povos da Melanésia nos anos 1970, Strathern (2006) mostrou que esta é uma ação marcada pelo gênero. Neste sentido, gênero não se restringe a um conjunto de características sexuais que nasceram com uma pessoa, mas é um atributo que ganha significado social na relação com o outro. Uma das principais contribuições analíticas da autora é mostrar que gênero não é uma categoria universal, mas que está relacionada ao contexto social em que está inserida.

Cabe considerar a contribuição de Scott (1990) ao debate, ao destacar a importância do gênero como categoria analítica. Para esta autora, gênero é um elemento presente nas relações sociais e uma forma de dar significado às relações de poder. Assim, o que se denomina como diferenças entre mulheres e homens, e/ou entre feminino e masculino, não podem ser consideradas como universais, pois foram (e continuam sendo) produzidas de acordo com o cenário social, político, histórico e cultural de cada sociedade.

A historiadora Colling (2014) mostra que diferentes discursos históricos definiram o que é ser mulher e o corpo feminino. Assim como Scott (1990), esta autora defende que gênero não se trata de uma categoria biológica ou da ordem da natureza, mas que é uma construção social.

Segundo esta autora, as mulheres foram nomeadas a partir de seu corpo, que foi considerado diferente e inferior, através de discursos encabeçados por homens, em campos como filosofia, medicina, religião, psicologia e direito, o que contribuiu para o estabelecimento de desigualdades de gênero. Podemos dizer que muitos desses discursos permanecem e influenciam a vida das pessoas, por isso defende ser essencial a desconstrução deles, para, assim, contribuir ao entendimento e promoção de relações de gênero mais igualitárias.

Além disso, busquei refletir com as turmas sobre gênero e sexualidade como questões produzidas em determinado contexto cultural, que podem assumir diferentes vivências e significados, devendo ser vistos de forma interseccional (Gonzalez, 1984; Akotirene, 2019).

3. Resultados e discussão

3.1 Pensando as questões de gênero a percepção dos alunos

Tendo em vista a discussão acadêmica sobre gênero, as aulas tiveram início com a origem histórica do conceito, procurando desconstruir o pensamento de que o comportamento humano é determinado por fatores biológicos, como também desnaturalizando a ideia de injunções relacionadas ao gênero (Scott, 1990; Colling, 2014). Como introdução ao tema, passei a seguinte atividade, para que trouxessem por escrito na semana seguinte: *a) O que você entende por relações de gênero? e b) Como você identifica a presença deste tema em seu cotidiano?*

Os trabalhos versaram, de forma equilibrada numericamente, tanto sobre gênero como construção social e cultural, como sobre a falsa ideia de que meninos e meninas não nascem com o gênero definido e que tal escolha se daria de forma arbitrária pela sociedade. Esta versão aqui, aliás, foi bem difícil de depreender dos trabalhos, porque os argumentos são confusos e não fazem sentido quando lidos em uma primeira vez, se comparados ao que é estudado e definido academicamente, o que evidenciam o alcance da falácia da ideologia de gênero, como tratou Tiburi (2018).

Posso dizer que o ponto em comum que permeou a maiorias das respostas foi a de colocar as relações de gênero de modo sexista, de que homens e mulheres desempenham papéis definidos de modo natural, conforme suas características físicas. A resposta de Márcio foi uma das que dão esta ênfase:

Relações de gênero são ideias impostas sobre o indivíduo desde seu nascimento, desmembrando-se em papéis diferentes para o homem e para a mulher. A ideia de papéis “pré-definidos” pode ser bem emblemática em alguns âmbitos, como no trabalho, escola, mídias sociais etc, pois incita a desigualdade. Entretanto, no âmbito familiar ou religioso (como uma organização social) não é necessariamente ruim ou bom, é um sistema que pode funcionar ou não. Um exemplo claro é o patriarcado presente em muitas famílias (majoritariamente), em que, em alguns casos, funciona bem e os indivíduos são satisfeitos e em outros onde a mulher, filhos não tem um ambiente satisfatório. (Márcio, 18 anos)

A resposta de Márcio ficou um pouco confusa, ao não estabelecer como pensava os pontos positivos e negativos do patriarcado na vida das pessoas. Nos debates desenvolvidos ao longo das aulas, ele foi se manifestando favorável ao pensamento de

que homens e mulheres devem ocupar lugares e prestígios diferentes na sociedade, o que remete a um discurso mais conservador acerca da questão.

A resposta de Roberto foi semelhante:

Relações de gênero são as relações humanas nas quais as funções e posições sociais são baseadas no gênero da pessoa. Então, essas situações estão presentes nas famílias mais tradicionais, em que o marido é o provedor e a esposa é a dona da casa, ou nas delegações de trabalho, em que os trabalhos mais pesados ficam com os homens e os trabalhos de diarista/babá/cuidadora são delegadas especificamente para as mulheres, tanto como na quantidade de mulheres de CEO de empresas. (Roberto, 19 anos)

A fala de Roberto demonstra uma visão sexista sobre as relações de gênero, em que as experiências sociais dos indivíduos estão condicionadas ao sexo de nascimento e em um sistema de opostos. Prevalece, também, uma visão binária, em que homens e mulheres estariam predestinados por força da natureza a desempenhar determinadas tarefas de aptidão física ou biológica, desconsiderando a diversidade, o que nos levou a debater sobre gênero e patriarcado.

Relações de gênero estão ligadas aos valores que reforçamos a alguém desde o nascimento, como a maneira de falar, agir e se comportar. É possível notar um aumento na disseminação desses valores, principalmente, mas não exclusivamente, nas redes sociais, que não necessariamente são positivas, mas que reforçam preconceitos e mitos, como a associação de determinada cor a um gênero, ou mesmo ideias misóginas. (Fernanda, 18 anos)

A resposta de Fernanda pode indicar uma certa confusão entre o que é cultural e o biológico quando nos referimos às questões de gênero. Ela inicia associando o gênero às definições do sexo biológico e de toda uma estrutura social que se estabelece no processo de socialização para ensinar o indivíduo a se comportar, o que, segundo Mead (1979), não é uma questão inata, mas, de aprendizado, o que também foi trabalhado em sala de aula.

Ainda sobre a resposta de Fernanda, há a referência para outro fenômeno que tem se expandido nas redes sociais, que é de propagação de conteúdo misógeno. Silva (2023), Regagnan e Souto (2024) e Santini *et al* (2024) afirmam que a misoginia é geralmente propagada por grupos masculinistas nas redes sociais, que se referem a grupos formados,

em sua maioria, por homens que defendem uma ideologia patriarcal e de ódio às mulheres e ao feminino.

Ainda neste contexto, a machosfera se caracteriza como um espaço de disseminação de ódio às mulheres e ao feminino na internet, através de fóruns de debate ou grupos fechados em redes sociais. Regagnan e Souto (2024) destacam como um desses grupos masculinistas o Movimento Red Pill, que é uma referência à pílula vermelha do Filme Matrix (1999), que o personagem Neo (interpretado por Keanu Reeves) precisa fazer uso para ter entendimento do mundo real. Seguindo essa narrativa, o Movimento Red Pill se autodenomina o detentor do poder de desmascarar uma suposta opressão das mulheres em relação aos homens, “realidade” esta que o feminismo tenta encobrir.

Ainda segundo Regagnan e Souto (2024), a machosfera é uma tentativa de legitimação de certo comportamento de masculinidade, de dar mais projeção à disseminação de ódio às mulheres nas redes sociais, da qual o Movimento Red Pill é parte. Quando leio as respostas dos meus alunos (principalmente os meninos) enfatizando a desigualdade de gênero e o reforço à imagem de provedor para os homens, ou ainda, quando observo o pouco interesse de alguns deles em discutir sobre relações de gênero e diversidade, me remete ao alcance dessa ideologia entre os jovens estudantes do ensino médio.

Por outro lado, considerando a participação das redes sociais na produção de sentido sobre as relações de gênero entre os alunos, a resposta de outra aluna mostra que buscam conteúdo informativo sobre a questão, em páginas de influenciadores.

Rafaela afirmou usar as redes sociais para se informar mais a respeito das relações de gênero e dos direitos da população LGBTQIAPN+, por se perceber interessada em namorar meninas e por ter outros amigos e amigas com os mesmos interesses afetivo-sexuais:

Relações de gênero são as maneiras de como a sociedade define e organiza as interações entre os diferentes gêneros, influenciando papéis, comportamentos e expectativas para homens, mulheres e outras identidades de gênero. Este tema está presente na minha vida de várias formas. Nas redes sociais, vejo discussões sobre feminismo, igualdade de gênero e direitos LGBTQIA+.

Na escola, percebo como certas atividades são direcionadas a meninas ou meninos, além das conversas sobre o papel da mulher na sociedade. Na família, as divisões de tarefas e expectativas para o futuro muitas vezes refletem normas de gênero. Nas religiões e com amigos, os estereótipos de gênero também podem aparecer, mas esses ambientes

podem ser espaços para questionar e redefinir essas normas. (Rafaela, 19 anos).

É interessante a forma como Rafaela tratou das relações de gênero, pois tratou sua percepção em vários ambientes, o que mostra o gênero como uma categoria relacional e que está presente na diferenciação de tarefas e habilidades entre meninas e meninos, como assunto das disciplinas e também como uma questão política, que envolve conquistas de direitos e cidadania.

Na próxima seção, mais especificamente, apresento o processo de elaboração e exposição dos murais interativos, com imagens selecionadas pelos alunos, sobre a diversidade de gênero em nossa sociedade. A atividade foi realizada em grupos, como culminância dos assuntos abordados ao longo do bimestre.

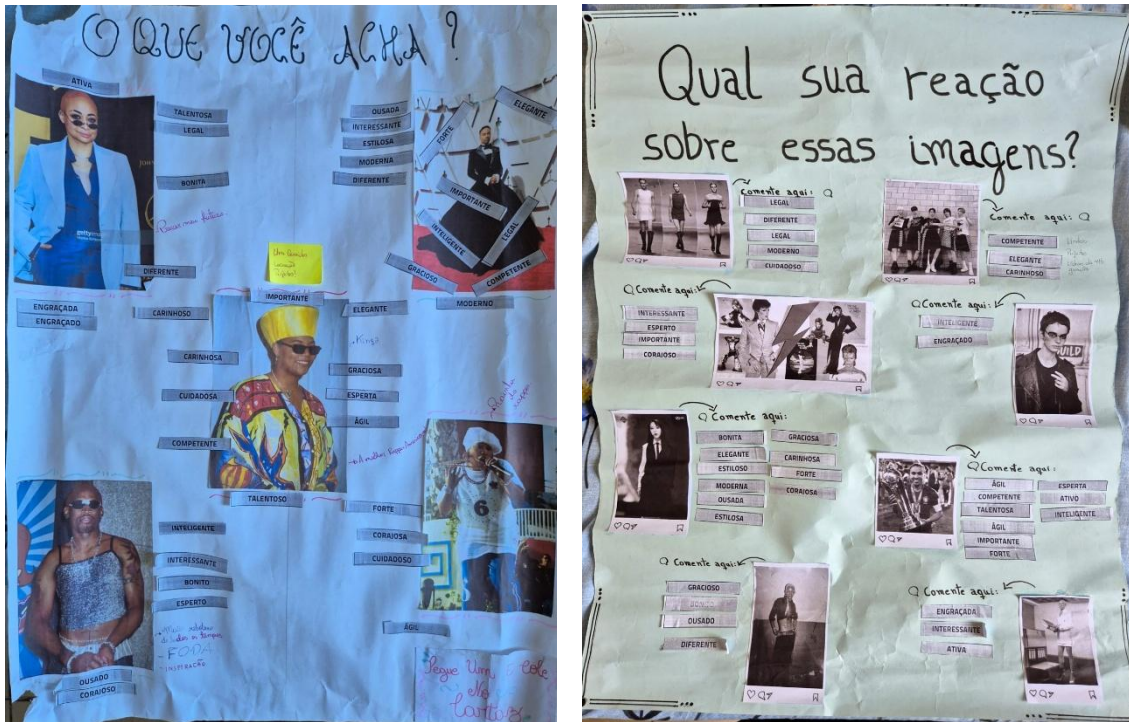
3.2 Observando gênero e diversidade sexual para além da sala de aula

Para compreender as percepções dos estudantes sobre gênero e suas diversidades, a realização dos murais interativos no ambiente escolar se baseou nas orientações de Di Pierro e Ortiz (2011). Ao todo, trabalhei esta atividade em três turmas de terceiro ano, tendo sido confeccionados treze cartazes.

Os alunos levaram imagens previamente selecionadas de mulheres e homens (cis, trans e/ou não binários), desenvolvendo trabalhos diferentes do modelo tradicional de gênero. As imagens escolhidas foram de artistas, celebridades da internet, pessoas da família, ou pessoas anônimas.

O horário deste dia de aula ficou inteiramente disponível para as equipes prepararem seus murais. Disponibilizei folhas de cartolina, papeis decorados, marcadores coloridos, tesoura, régua, cola. Para montagem do mural, cada grupo criou um título que convidasse as pessoas a registrarem sua opinião sobre as imagens. No canto dos cartazes, disponibilizaram notas adesivas (conhecidos popularmente como post it) e também uma lista de adjetivos sugeridos por Di Pierro e Ortiz (2011), para as pessoas colarem nos cartazes. O resultado de alguns dos murais pode ser observado nas imagens 1 e 2.

Imagens 3 e 4: Gênero e diversidade nos murais interativos



Fonte: Atividade de sala de aula (2024).

Di Pierro e Ortiz (2011) disponibilizam uma lista de adjetivos positivos e alguns com flexão de gênero neutra, para serem colados nos murais. Apesar de deixarem os adjetivos para colagem e/ou as notas adesivas em branco, muitas pessoas escreveram suas impressões diretamente nos cartazes, oscilando o tom entre elogios e ofensas.

conservadora ou não), o que, de certa forma, atesta o pânico moral que tem cercado o tema.

Nesta mesma aula, um aluno disse que não tinha muito o que dizer sobre gênero, porque “essas coisas”, palavras dele, nunca foram um assunto conversado em casa com pai ou com mãe (ou por qualquer outro adulto com ele). Disse que já sabia que os problemas dele tinham que ser resolvidos na rua, ainda que com uso de violência: “Eu já sabia desde cedo que não era para apanhar na rua, mas se eu me metesse em briga, eu tinha que bater”. Outro aluno completou que “Essas coisas são assim, professora. Não tem conversa antes, não”. É a reprodução de uma linguagem de violência na construção das masculinidades, que tem ganhado cada vez mais espaço no debate público, como já dito aqui.

As falas dos alunos também evidenciam a (falsa) ideia de que gênero é assunto restrito às mulheres e à comunidade LGBTQIAPN+, como se as categorias homem, masculino e masculinidade não fizessem parte das relações de gênero, ou como um assunto do qual não se deve falar. Mostram, ainda, que a identidade de gênero masculina (se é que posso falar assim) é tão construída quanto as demais e que se relaciona com outras formas de desigualdades, como raça, classe e sexualidade (Butler, 2024).

A diversidade de percepções e vivências de gênero trazida ao longo das atividades do bimestre reforça o quanto o tema deve ser tratado com seriedade acadêmica na educação básica e que a antropologia reúne as premissas para isso.

4 Considerações finais

Ao longo do texto, tratei das percepções de gênero dos alunos da educação profissional e tecnológica, sob o enfoque antropológico, no que se refere às relações de gênero e suas diversidades. Utilizei como referência a elaboração dos murais interativos, uma atividade de culminância sobre o conteúdo de gênero, corpo e sexualidades, como também as falas deles em atividades escritas e debates.

Em um primeiro momento, observei que no senso comum as falácias da ideologia de gênero se fazem presentes como referência de gênero e diversidade entre os alunos (Tiburi, 2018). Posso dizer que tratar de gênero em sala de aula foi um assunto que despertou reações diversas entre os alunos. Uma parte deles se mostrou bastante sensível e interessado na compreensão acadêmica da categoria, enquanto outros demonstraram

indiferença e falta de compromisso com a questão, como se gênero se restringisse ao público feminino e LGBTQIAPN+ (Tiburi, 2028; Butler, 2024).

Sendo assim, reforço que o trabalho da temática pode ser feito de forma dinâmica, com incentivo ao diálogo e manifestação dos alunos (Nonato e Dayrell, 2021), como forma de resistência ao cenário de desinformação e negação às questões de gênero (Butler, 2024). Ao invés de local de doutrinação, entendo a escola como um cenário de debate, de escuta e de aprendizagem.

O que aprendemos com o tema é que cada pessoa cria sua relação com seu corpo e com sua identidade, e que as trajetórias de vida não são lineares. Ademais, falar sobre gênero em sala de aula se faz urgente em razão de sua utilização política, sobretudo nas redes sociais, como estratégia de ataque discursivo da extrema direita, dadas suas conotações nas estruturas de poder, como já alertavam Scott (1990) e Colling (2014), principalmente com o avanço dos grupos masculinistas na internet (Regagnan; Souto, 2024; Santini *et al*, 2024).

Neste sentido, considerando a pluralidade quanto à identidade de gênero e de orientação sexual, posso dizer que o modelo binário de gênero e a diversidade sexual possuem força na forma de se pensar e dar sentido às relações de gênero. Os estudos de gênero nos mostram que eles não estão de lados opostos e nem se contradizem, mas, ao contrário, devem ser valorizados como expressões da diversidade de experiências e sentidos das relações humanas.

Defender a abordagem de gênero na escola representa um compromisso com a formação de pessoas críticas, conscientes e engajadas e, para isso, precisam se sentir parte do contexto escolar. Partiu daí o interesse em trabalhar as aulas de sociologia de forma dialogada e participativa, articulando diferentes estratégias de ensino. A elaboração e exposição dos murais interativos alertam para a necessidade do desenvolvimento de mais ações antissexistas, antimisóginas e antiLGBTQIAPN+fóbicas, que articulem ensino, pesquisa e extensão, no ambiente escolar.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BODART, Cristiano das Neves. **O que aprender para ensinar sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: [BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf](#). Acesso em 05 jun. 2025.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero**. São Paulo: Boitempo, 2024.

FERREIRA, Kirla Korina Anderson. **Gênero e diversidade sexual na educação básica: uma proposta de sequência didática**. Belém/PA: Home, 2025a. Disponível em: [GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma proposta de sequência didática](#). Acesso em 10 de julho de 2025.

FERREIRA, Kirla Korina Anderson. **Vamos falar sobre gênero? Problematizando feminilidades e masculinidades no ensino médio integrado em Belém/PA**. In: XV Reunião de Antropologia do Mercosul, 2025b, Salvador/BA. Anais da XV Reunião de Antropologia do Mercosul, 2025. p. 01-13. Disponível em: [XV Reunião de Antropologia do Mercosul - .](#)

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: Frigotto, Gaudêncio. **Escola 'sem' partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: LPP, Uerj, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZALEZ, Lelia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1979 [1935].

LAHIRE, Bernard. **Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de sociologia?** Revista de Ciências Sociais, v. 45, n. 1, p. 45-61, 2014. Disponível em: [Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?](#). Acesso em: 15 dez. 2023.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury Cesar (Coord.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P. 45-62. (Coleção Explorando o Ensino; V. 15).

NONATO, Symaira Poliana; DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Por uma pedagogia das juventudes: educação e pesquisa como princípio educativo**. E-book. Belo Horizonte:

Fino Traço, 2021. Disponível em: [Por-uma-Pedagogia-das-Juventudes-educacao-e-a-pesquisa-como-principio-educativo-1.pdf](#). Acesso em: 06 de Julho de 2023.

OLIVEIRA, Amurabi. **Ensino de Sociologia: desafios epistemológicos para o Ensino Médio**. Revista Espaço Acadêmico, n. 119, p. 115-121, 2011. Disponível em [Vista do Ensino de Sociologia: desafios epistemológicos para o Ensino Médio](#). Acesso em 15 dez. 2025.

REGAGNAN, Isabela; SOUTO, Bárbara. Um homem sem sua pílula vermelha está fadado ao fracasso: desvendando o comportamento redpill. In: WOLFF, Cristina; SCHMITT, Elaine (Orgs.). **A internet como campo de disputas de gênero**. Florianópolis/SC: Cultura e Barbárie, 2024. P. 126-137. Disponível em: [Livro_A internet como campo de disputas de genero.pdf](#). Acesso em 06 dez. 2024.

REIS, Juliana; SALES, Shirlei. **Juventudes: culturas juvenis e cibercultura - Ebook** - Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. Disponível em: [Juventudes-culturas-juvenis-e-cibercultura.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em 08 de novembro de 2023.

SANTINI, R. Marie; SALLES, Débora; BELIN, Luciane L; BELISÁRIO, Adriano; MATTOS, Bruno; MEDEIROS, Stéphanie G.; MELLO, Danielle; GRAEL, Felipe; SEADE, Renata; BORGES, Amanda; MURAKAMI, Lucas; CARDOSO, Rafael; DAU, Erick; LOUREIRO, Felipe; YONESHIGUE, Bernardo; CARMO, Vitor do; MAIA, Felipe. **“Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”**: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dezembro de 2024. Disponível em: ["Aprenda A Evitar ‘Esse Tipo’ De Mulher”: Estratégias Discursivas E Monetização Da Misoginia No Youtube](#). Acesso em 10 mar. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre 16 (2):5-22, jul. /dez. 1990. p. 5-22.

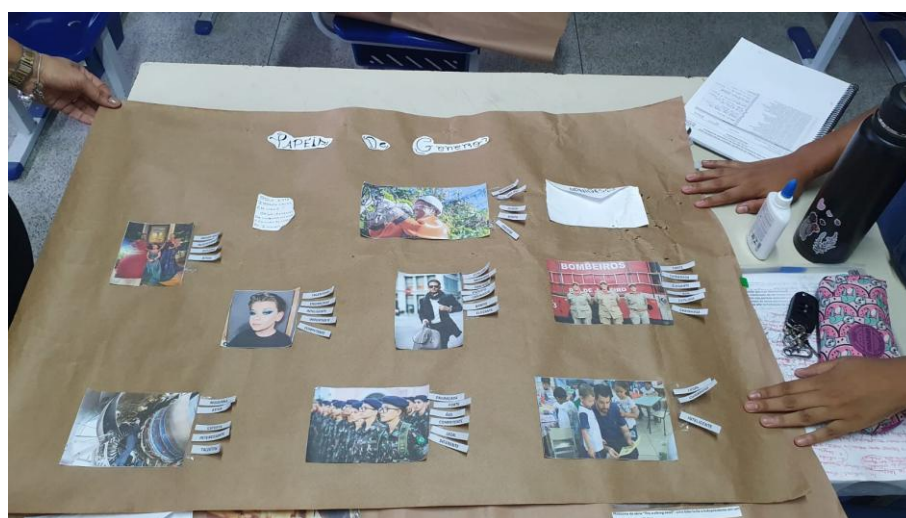
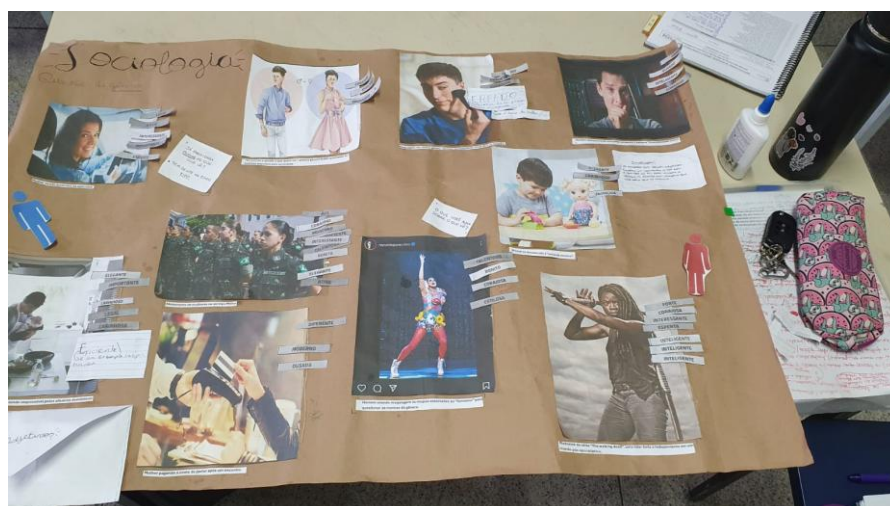
SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil**. Belo Horizonte/MG: PUC de Minas Gerais, 2023. 240 fls. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

TIBURI, Marcia. **A funcionalidade da “ideologia de gênero” no contexto político e econômico brasileiro**. In: Nueva Sociedad, Julho, 2018. Disponível em: [A funcionalidade da «ideologia de gênero» no contexto político e econômico brasileiro | Nueva Sociedad](#). Acesso em 13 de julho de 2023.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaira, 2022. (Coleção Feminismos Plurais)

2. Murais elaborados em 2025



3. Alguns motivos de escolha das imagens dos murais pelos grupos

→ Questões de escolha de imagens

• Imagem 1 - "Tiro de sangue e sangue (IAPA)"
 Esta imagem é escolhida para retratar uma situação de violência na sociedade brasileira, pois sempre tivemos discussões na escola de como a violência física acontece, muitas vezes "empurrando" para esse tipo de comportamento, que a sociedade precisa tomar cuidado com os jovens, pois eles são muito vulneráveis e precisam ser educados para não serem vítimas de crimes.

• Imagem 2 - "Pai e filha"
 Esta imagem, escolhida para retratar um pai e uma filha, representa a relação de uma criança com seu pai, mostrando a importância da família e de como a criança se desenvolve emocionalmente. É importante para os alunos entenderem a importância da família e de como a criança se desenvolve emocionalmente.

• Imagem 3 - "Muita gente jogando de malina"
 Esta imagem, escolhida para retratar uma situação de violência, mostra a importância da família e de como a criança se desenvolve emocionalmente. É importante para os alunos entenderem a importância da família e de como a criança se desenvolve emocionalmente.

Sociologia - IZABELA

Professora: Kíria Oliveira
 Alunos: Luiza Vitória Patella / Camilla Vitória Barbosa Lima / Jéssica
 Cássia Alencar de Souza / Luiza Vitória Patella / Camilla Vitória Barbosa Lima / Jéssica

Atividade sobre gênero masculinidade

Imagem 1: Masculinidade não é apenas homem. Homem é masculino para ser...
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

Imagem 2: Mulher sendo maltratada por um homem.
 O maltrato feminino é um tema muito comum, muitas vezes é associado a responsabilidade familiar, com isso, muitas vezes as mulheres são consideradas mais frágeis.

Imagem 3: Mulher sendo maltratada por um homem.
 A violência doméstica é um tema muito comum, muitas vezes é associado a responsabilidade familiar, com isso, muitas vezes as mulheres são consideradas mais frágeis.

Imagem 4: Homem cuidando de uma filha.
 O cuidado feminino é um tema muito comum, muitas vezes é associado a responsabilidade familiar, com isso, muitas vezes as mulheres são consideradas mais frágeis.

Imagem 5: Bombardeio de bomba não é coisa de menino.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

Imagem 6: Mulher pagando a conta após um encontro com um homem.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

IFPA - Campus Belém
Sociologia
Prof: Kíria
Aluna: Maria Colinda F.C. Anunciação

1ª Imagem: Professor de uma aula na imagem se mostra um professor que é de uma mulher, por isso, muitas vezes as mulheres são consideradas mais frágeis.

2ª Imagem: Bombardeio
 Na primeira imagem se vê mulheres que são bombardeadas, isso porque é muito mais comum os homens serem bombardeados, por isso, muitas vezes as mulheres são consideradas mais frágeis.

1ª Imagem: Bombardeio de bomba não é coisa de menino.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

2ª Imagem: Mulher pagando a conta após um encontro com um homem.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

3ª Imagem: Bombardeio de bomba não é coisa de menino.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

4ª Imagem: Bombardeio de bomba não é coisa de menino.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

5ª Imagem: Bombardeio de bomba não é coisa de menino.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

6ª Imagem: Bombardeio de bomba não é coisa de menino.
 É comum em nossa sociedade, por historicamente a masculinidade é associada ao gênero masculino, enquanto as mulheres são consideradas mais frágeis.

4. Debate em grupo

